

Maria

Sinceramente, não havia bem um motivo para ele sentar-se sempre ali, a não ser, claro, que você acredite em forças do destino. Aquele banco simplesmente lhe pareceu o mais agradável para se ler o jornal todas as manhãs e, desde aquele dia, à seis meses atrás, ele se sentava naquele exato local para saborear sua leitura matinal.

Não, não, não era um homem ligado a rotinas e hábitos estritos. Aquela tradição do banco pintado de verde perto da praça das margaridas todas as manhãs com o jornal era apenas um detalhe. Se fossemos analisar o distinto rapaz sentado todo empertigado enquanto folheia a página de esportes, não realmente veríamos algum adepto à deliciosa tradição quase vitoriana.

Veríamos apenas um rapaz apaixonado...

É, eu sei. Simplista demais. Ou, talvez, os mais românticos tenham achado maravilhoso e, agora sim, se atentado mais a esse texto. Entretanto, o distinto rapaz que não se importava com esportes não acharia tão bom assim. De qualquer forma, era fato, e ele sabia que estava irremediavelmente apaixonado. Sequer tentava disfarçar. Odiava futebol, o que estava fazendo lendo sobre o último jogo entre o São Paulo e o Riverplate? O que tinha ele a ver com esse jogo escuso com esse time inglês desconhecido? Nada.

Não tinha como esconder. Era Maria. Maria que o ensinara a ter uma rotina, Maria que o fazia ler o jornal inteiro e ser o funcionário mais bem informado do escritório. Maria que o fazia se interessar por um emprego mais gratificante que talvez estivesse ali, nos classificados. Maria que o fazia apreciar margaridas. Maria que o fazia tomar café da manhã cedo e apreciar a manhã entre uma página e outra. Maria que lhe dera horário e disciplina na vida. Maria por quem cronometrara sua vida inteira para que não perdesse aquele momento sublime quando ela passava a caminho da padaria e depois voltava com sua cesta de pães quentinhos.

Maria, tão voluntariosa, com seus cabelos rebeldes sendo levados pelo vento na manhã, seu jeito mal humorado de quem é obrigada a ir à padaria, um vestido leve e simples que ela, com certeza, enfiou às pressas enquanto sua mãe gritava pelo pão. Maria que andava como se não se importasse, que andava como se o mundo parasse para vê-la desfilar. Desfilava como nas propagandas em que as modelos paravam o mundo para vê-las. Mesmo que só ele a visse, sua elegância ainda era digna de um espetáculo.

Maria que parecia não ter horário algum, Maria que às vezes brigava com a mãe e simplesmente a mandava ir buscar ela mesma o pão. Maria, Maria, Maria.

Lá ia a velha a ralar pela rua, as crianças apontando seus bobs na cabeça. Ele então suspira, dobra o jornal e se vai para sua vida, esperando ardentemente que, na próxima manhã, sua Maria acordasse de melhor humor.